Eu quero ver, mas não há

No outro dia fui ao cinema e, quando lá cheguei, vi uma série de filmes que, sem querer ser preconceituoso, cabiam na mesma categoria – a de filmes pipoca.

Efetivamente, gosto de ver um bom blockbuster, um filme de puxar às lágrimas, ou mesmo uma comédia romântica mas, com alguma regularidade, gosto de um filme que me estimule, que me force a cogitar e que me sustente com novas perspetivas que poderão, ou não, modificar a minha forma de observar o mundo, garantido pelo menos que a minha perceção do mesmo será diferente.

Nunca fui preconizador de arte pela arte. Gosto de um filme com uma lógica, mas também me farto com o excesso de filmes de ação que, lá no fundo, não têm intenção de nos aculturar, procurando apenas nos divertir. Assim, porque não conciliar o útil e o agradável, através de filmes que nos recreiem, mas que ao mesmo tempo desenvolvam a nossa parte lúdica?

Excecionalmente, o ano de 2014 foi muito produtivo, com filmes de alta competência. No entanto, houve muitos filmes de caráter filosófico, psicológico, ou particular que não estiveram em exibição nas salas de cinemas de Portugal. Falo, obviamente, de filmes europeus como “Leviatã”, ou “Girlhood”, bem como de “Force Majeure”. Todos estes, com críticas apologéticas, já se estrearam nos respetivos países há algum tempo, mas ainda não chegaram a Portugal, nem é previsto que isso aconteça.

Assim, sem outra solução, aqueles mais sedentos por se cultivarem não têm outra solução que não passe pela recorrência à Internet e aos filmes piratas, sob a máxima: “Eu quero ver, mas não há”.